

AS MENTIRAS
QUE NOS
CONTARAM
SOBRE
DEUS

WILLIAM
P. YOUNG

autor de A CABANA | 4,5 milhões de livros vendidos no Brasil



SEXTANTE

AS MENTIRAS
QUE NOS
CONTARAM
SOBRE
DEUS

WILLIAM
P. YOUNG



SEXTANTE

Sumário

Introdução	9
1. “Deus nos ama, mas não gosta de nós.”	13
2. “Deus é bom. Eu não sou.”	17
3. “Deus está no controle.”	22
4. “Deus não se submete.”	26
5. “Deus é cristão.”	30
6. “Deus quer me usar.”	35
7. “Deus é mais masculino do que feminino.”	38
8. “Deus quer ser prioridade na sua vida.”	44
9. “Deus é um mágico.”	48
10. “Deus não gosta de sexo.”	55
11. “Deus abençoa meus políticos.”	59
12. “Deus criou a (minha) religião.”	64
13. “Você precisa ser salvo.”	69
14. “Deus não liga para o que eu amo fazer.”	73
15. “O inferno é a separação de Deus.”	78
16. “Deus não é bondoso.”	82

17. “A Cruz foi ideia de Deus.”	87
18. “Aquilo foi mera coincidência.”	91
19. “Deus exige o sacrifício de crianças.”	97
20. “Deus é um Papai Noel divino.”	102
21. “A morte é mais poderosa do que Deus.”	106
22. “Deus não está presente em meu sofrimento.”	111
23. “Você nunca encontrará Deus numa caixa.”	116
24. “Nem todo mundo é filho de Deus.”	120
25. “Deus está decepcionado comigo.”	124
26. “Deus me ama por meu potencial.”	129
27. “O pecado nos separa de Deus.”	133
28. “Deus é apenas Um.”	139
Uma <i>catena</i> – O drama da redenção de Deus	143
Posfácio de C. Baxter Kruger	148
Últimas palavras por Dietrich Bonhoeffer	156
Agradecimentos	158

Introdução

A gênese deste livro foi uma série de tuítes chamada “Palavras que você *nunca* ouvirá Deus dizer”. Tenho uma lista de 125 pequenas frases, como:

Eu registro todos os seus erros.

Você é o filho que eu nunca quis.

Vou deixar você ficar com suas mentiras mais preciosas.

Você superestimou Jesus.

Preciso de você.

Dá para entender a ideia. Quando olhamos o espaço negativo (o que Deus *não* diria), podemos ver o espaço positivo de outro ponto de vista. Esse exercício costuma ser desagradável pois questiona nossos paradigmas e suposições, mas só isso já seria uma enorme recompensa. Por outro lado, é um exercício útil e esclarecedor. Ao olhar para algo que Deus *não* diria, conseguimos examinar melhor as ideias que considerávamos verdadeiras e, muitas vezes, expor as mentiras sobre Deus que contamos a nós mesmos.

No primeiro capítulo de meu romance *Eva*, um dos personagens faz uma afirmação que se tornou muito importante para os

leitores: *Uma boa pergunta vale mais que mil respostas. Escolha com sabedoria.*

O mundo onde cresci não dava muito valor às perguntas. Na melhor das hipóteses, as perguntas eram sinal de ignorância; na pior, indício de rebeldia. Quem discordasse de nossa teologia, ciência ou mesmo opinião era um inimigo ou um alvo. O que importava era a certeza.

À medida que envelheço – com elegância, espero –, passei a me preocupar mais em estar aberto a “mil respostas” do que em estar certo. Levei muito tempo para me tornar um bom ouvinte – alguém que escuta não para se defender ou declarar algo, mas que permite que a conversa questione e até mesmo mude os próprios pontos de vista.

Em meus anos de juventude, eu me apresentava como uma pessoa inteligente e racional. Essa imagem permitiu que eu me escondesse dentro das minhas ideias, tentando evitar a bagunça da vida real e dos relacionamentos autênticos. Usei essa persona como um mecanismo de defesa para manter os outros a distância. Achei que tivesse enganado todo mundo. Acontece que eu era esperto e criativo, o que me deu forças para me manter afastado e isolado e prejudicar os outros com minhas palavras. Talvez você me respeitasse pela minha argumentação persuasiva, mas não gostaria de mim.

Felizmente mudei muito. A casa íntima de minha alma foi inteira e dolorosamente desconstruída, e meu coração partido passou por uma árdua reconstrução. Porém, como para todos nós, ainda há muito “serviço de acabamento” a fazer em meu coração e em minha mente – que estão sempre em processo de transformação.

Fui criado numa tradição protestante evangélica. Não existe tradição pura; o que é belo e edificante está emaranhado com o que é feio e nocivo. Meias verdades e até mentiras encontram o caminho até nossos corações. Como o mofo que se espalha por uma

obra de arte, essa escuridão invasiva tem de ser cuidadosamente removida para não causar danos ao que é original e criativo.

Este livro não pretende apresentar certezas. O exame sobre as “mentiras” não resulta numa visão final ou absoluta sobre cada tema. Em vez disso, são amostras de conversas maiores. Cada capítulo se refere a uma afirmativa em que um dia já acreditei e não acredito mais. Talvez você se identifique apenas com algumas e não com outras. Pode ser que concorde ou discorde das minhas conclusões. Algumas dessas ideias podem ser profundamente desafiadoras, enquanto outras talvez pareçam ingênuas e impensadas. Essa é a maravilha e a singularidade de nossa jornada e a beleza do diálogo e dos relacionamentos.

O homem das Escrituras com quem mais me identifico é o cego de nascença. Minha jornada tem sido como aprender a enxergar – às vezes pela primeira vez, outras com mais clareza. Embora estude muito, não tenho a profundidade dos muitos teólogos que se dedicaram a textos e ideias específicos. Sou grato pelo trabalho deles e os leio e escuto como se fossem dádivas.

O que você está prestes a ler revela muito sobre quem eu sou. Essas reformulações da minha teologia não foram fáceis, mas tiveram um impacto positivo sobre mim. Por causa desse movimento interior, hoje sou um pai, marido, filho, amigo e ser humano melhor. Se minhas palavras não trouxerem esclarecimento, espero que minha vida traga. Há ocasiões em que a única confissão que sou capaz de fazer é por meio das palavras de meu personagem favorito: “Eu era cego e agora vejo.”

Peço que você permita que as palavras deste livro sejam suas amigas e adversárias. Amigas porque não quero que nada que é precioso para você agora seja menos precioso quando terminar a leitura. Adversárias porque todos precisamos responder a certas perguntas sobre nós, nossas suposições e nossos paradigmas. Nossas recomendações precisam ser testadas para termos olhos para ver e ouvidos para ouvir. Nos textos de teólogos, fi-

lósofos, psicólogos e cientistas, encontrei amigos e adversários; hoje sou uma pessoa melhor por tê-los escutado e permitido que suas contribuições cultivassem o solo de meu coração e de minha mente, arrancando ervas daninhas, plantando sementes e depois regando essas sementes – chegando mesmo a colher algumas delas. Nem sempre será um processo “divertido”, mas é um esforço que vale a pena.

Em última análise, estamos nisso juntos. A sua saúde é a minha saúde. A sua perda é a minha perda. É comum escolhermos acreditar numa mentira para não deixar a verdade invadir a segurança dos nossos preconceitos e fortalezas de autoproteção. O diálogo não deve ser um exercício de dominação ou certeza; ele é o relacionamento do devido respeito. Todos precisamos de novas maneiras de enxergar. Sei que eu preciso.

Este livro é uma série de ensaios que examinam conceitos interligados que exponho como mentiras – mentiras em que já acreditei, mentiras que continuam a afetar muitos de nós. Meu amigo teólogo Dr. C. Baxter Kruger, autor de *De volta à cabana*, *Patmos*, *A parábola do Deus que dança* e muitos outros livros, escreveu um posfácio que resume bem as bases do que proponho como Verdade. Baxter conseguiu enquadrar o livro inteiro com perfeição.

Para alguns, os conceitos deste livro serão novos e transformadores – e às vezes desconfortáveis. Relaxe. O Espírito Santo é seu verdadeiro professor; Deus, em quem você pode confiar e que o conhece completamente, vai conduzi-lo à Verdade, que é Jesus.

Mais uma vez, não pretendo oferecer respostas completas nem definitivas. Quanto mais envelheço, mais consciência tenho daquilo que não compreendo. Ofereço esses ensaios como ideias e questões a ponderar, com a esperança de que nossos olhos interiores se abram e que vejamos com mais clareza a bondade e a afeição inexorável de Deus e possamos descobrir quem somos dentro desse abraço.

1

“Deus nos ama, mas não gosta de nós.”

P leno inverno no norte de Alberta, no Canadá. A temperatura está muito abaixo de zero. É um daqueles dias tão frios que os pe-
linhos do nariz parecem pequenas varetas cutucando as narinas e cada exalação cria a própria neblina. Nasci perto dessa cidade, lá nas pradarias do norte.

– Pelo menos é um frio seco – diz alguém, o que é verdade, mas não consola muito.

Entramos no edifício e vou tirando as camadas de proteção, trocando-as pelo calor deste lugar de confinamento. Estamos visitando uma penitenciária feminina. As mulheres que me convidaram para vir falar disseram que dezenas de exemplares de *A cabana* estão passando de mão em mão, causando algum impacto por aqui. O governo deu a essas detentas um “intervalo”, um convite para pensar na vida e em suas escolhas, algo que as pessoas do lado de fora desses muros têm pouca oportunidade de fazer. Essas mulheres escolheram estar aqui hoje para passar uma hora comigo. A presença delas é uma dádiva.

Quem tiver olhos para ver ficará fascinado com o que há sob exteriores duros e corações enrijecidos. A maioria das mulheres está aqui por causa de algum relacionamento que deu errado – e as traições e perdas que sofreram são visíveis na petulância de sua

postura ou na vergonha mal escondida. Sinto-me em casa aqui, entre as feridas e machucadas. Elas são o meu povo, o nosso povo.

Começo falando sobre as prisões da minha própria vida, lugares que se tornaram preciosos para mim porque eram tudo o que eu conhecia. Sobre como nos agarramos à certeza de nossa dor para não correr o risco de confiar em alguém outra vez. As almas profundamente feridas que estão no recinto começaram a chorar. Bruce Cockburn, poeta e músico canadense, chamaria isso de “rumores de glória”. Moedas perdidas, ovelhas perdidas, filhos perdidos, mas não quaisquer. Esses são *meus* filhos, *minhas* ovelhas e *minhas* moedas.

– *Você acha mesmo que Papai
gosta de mim?*

Termino a palestra e só algumas saem. Outras esperam autógrafos. Abraço todo mundo e tenho certeza de que isso viola todo tipo de regra. Mas venho quebrando códigos assim há algum tempo e ninguém jamais interfere nesses encontros sagrados. Uma mulher aguarda de pé, o corpo tenso de emoção. Quando simplesmente a tomo nos braços, é como se eu detonasse uma carga que fizesse a represa inteira explodir. Ela chora incontrolavelmente durante alguns minutos, molhando minha roupa. Susurro que está tudo bem, que tenho outras camisas, que estou com ela e que ela está em segurança. Não consigo compreender todo o sofrimento e toda a humanidade que transbordam desse pequeno toque, mas é real, visceral e lancinante.

Finalmente, ela para de soluçar o suficiente para encontrar algumas palavras:

– Você acha mesmo que Papai gosta de mim?

E aí está. A pergunta. Esse frágil ser humano me confia essa

pergunta monumental. Mesmo as pessoas que não acreditam na existência de Deus estão desesperadas para saber que o amor existe e que ele sabe quem somos. Mais ainda, há um ímpeto que vem de dentro, nos empurrando a correr o risco e perguntar a alguém ou a Deus: *Você acha que há em mim algo que seja amável, que seja suficiente, que seja digno de ser amado?*

Há uma cena em *A cabana* em que as suposições de Mackenzie, o personagem principal, são questionadas. Mack está frente a frente com Sophia, a Sabedoria de Deus, e ela lhe faz perguntas sobre o amor que ele tem pelos filhos. Especificamente, ela pergunta qual dos cinco filhos ele ama mais.

Pais moderadamente sensatos lhe dirão que é impossível responder a essa pergunta. Eu e minha mulher, Kim, temos seis filhos. Quando o mais velho nasceu, não conseguíamos imaginar que pudéssemos amar outro filho. O primeiro tinha ficado com tudo. Mas aí chegou o segundo e de repente havia uma nova profundidade de amor que ou não existia, ou estava adormecida antes de sua chegada. Era como se cada filho trouxesse consigo uma dádiva de amor depositada no nosso coração.

Na subcultura religiosa em que fui criado, todos sabíamos que Deus é amor. Dizíamos e cantávamos isso o tempo todo, até não ter mais tanto significado assim. Era simplesmente o jeito que Deus é. É como o neto que diz: “Mas você tem que me amar. Você é o meu vovô.”

Mas dizer “Deus é amor” não dá conta da nossa pergunta, não é? Então adotei o hábito de reformular a frase “Deus te ama” e, em vez de falar sobre Deus, destaco o objeto do afeto inexorável de Deus: nós. Assim, em *A cabana*, Papai dizia “Gosto especialmente dele ou dela”. Há um mundo de diferença entre dizer “Eu amo você”, que é sobre mim, e dizer “Gosto especialmente de você”, que é sobre você. As duas frases estão corretas, mas a última consegue penetrar na inquietação de nossa alma e responder às perguntas: “Sim, sei que você me ama, mas você me conhece e gosta

de mim? Você ama porque essa é sua forma de ser, mas há algo em *mim* que seja digno de amor? Você me ‘vê’ e gosta do que ‘vê’?”

– Você acha mesmo que Papai gosta de mim?

Envolvo-a com força em meus braços.

– Sim – sussurro de volta, enquanto nos dissolvemos em torrentes de lágrimas. – Papai gosta *especialmente* de você!

Minutos depois ela recupera a aparência de controle emocional e olha meu rosto pela primeira vez.

– Isso é tudo o que eu precisava saber. Isso é tudo o que eu precisava saber.

Depois de outro abraço, ela sai e me deixa pensando: *Querida, isso é tudo o que qualquer um de nós precisa saber.*

“Deus é bom. Eu não sou.”

Essa é uma *grande* mentira! E devastadora! Então por que tanta gente acredita nela?

Muitos de nós acreditamos que Deus nos vê como fracassados, pobres coitados totalmente degenerados. Escrevemos músicas que reforçam essas suposições, com letras sobre nossa feiura e nosso isolamento. Pensamos: *Quando me odeio, não estou simplesmente concordando com Deus?*

Se dedicarmos algum tempo a escutar as histórias uns dos outros, descobriremos que a maioria de nós tem algo em comum: a vergonha é a peça central de nossas autoavaliações. Mas não chegamos a esse ponto sozinhos. Alguns ouviram uma torrente constante de afirmações que reforçam essa mentira:

Você não vale nada.

Você é um idiota.

Você não é importante.

Você é burro.

Odeio você.

Por que você não consegue...?

Você acabou com a minha vida.

Você é um lixo.

Você não tem conserto.

Então transformamos essas mensagens em declarações sobre nós mesmos. Repetimos “Não sou...”, seguidas por uma ladainha de fracassos. “Não sou inteligente o bastante, nem magro, nem alto. Não sou esperto; não sou forte; não sou...” Esquecemos que cada “Não sou” partiu de um “Sou”: “Sou importante; sou inteligente; sou amado; sou...” Mas viramos isso contra nós, criando uma lista de motivos para nos envergonharmos: “Sou... perdedor, solitário, malvado, feio, gordo, rejeitado, burro, sem valor.”

É assim que Deus me vê? É assim que Deus vê *você*? Será que Deus concorda com o modo como me vejo e com o que os outros me disseram sobre quem sou, no âmago de meu ser?

Crescer com meu pai foi, de forma geral, aterrorizante. Estar perto dele era como andar por um campo minado, com os explosivos mudando de posição todas as noites enquanto eu dormia. Mas nem tudo era terrível. Havia momentos de bondade, tentativas de ser um pai amoroso, mas eram ocasiões desconcertantes. Pareciam um convite para eu baixar a guarda. Não estou fazendo juízos de valor sobre meu pai; o “chip” de pai que ele tinha foi esmagado pelo pai dele muito antes de eu nascer. Porém, quando ele acionava o interruptor e passava de ausente a furiosamente presente, eu me sentia como se estivesse sendo dilacerado e jogado ao vento.

Meu pai era missionário. Era o justo que nunca errava e um disciplinador rígido.

É claro que eu acreditava que merecia sua raiva, porque em mim não havia nada de bom. Eu estava sendo justamente castigado, mesmo quando não tinha a menor ideia do pecado que cometera por ação ou omissão. Tentava me defender, às vezes mentindo, mas quando isso não dava certo eu recorria a três palavras, que gritava várias e várias vezes conforme as ondas da fúria dele se aproximavam:

“Vou ser bonzinho! Vou ser bonzinho! Vou ser bonzinho!”

Com o passar dos anos, passei a entender que, a cada grito de “Vou ser bonzinho!”, eu fazia uma afirmação ao âmago do meu ser que levaria décadas para desfazer. Essa declaração era brutalmente simples:

“Eu não sou bom.”

Alguns dias atrás, eu falava numa linda reunião de jovens alunos do ensino médio que haviam me convidado como parte da “semana de ênfase espiritual” de sua escola. O encontro começou com uma música que conheço bem. Boa parte da letra é verdadeira, mas o início é uma baita mentira:

[Deus] é bom, apesar de não haver nada de bom em mim.

A verdade é que temos um valor inerente porque somos feitos à imagem de Deus. Nosso valor e nossa importância não dependem de nós. Mas aqueles entre nós que estão extremamente feridos e desesperados podem acreditar que, se não há nada de bom em nós, não há esperança real de transformação. Pensamos que o máximo que conseguimos fazer é alguma forma de autodisciplina temporária, um modo de encobrir nossa vergonha com aparências e atuação. Nenhum discurso positivo será capaz de transformar uma pedra num passarinho. Muitos de nós aprendemos a fingir até ficarmos completamente exaustos de manter todas as mentiras no ar. É inevitável que os venenos de nossa casa interior comecem a vazar de um jeito que não podemos controlar. Ou simplesmente desistimos e agimos de acordo com o que já determinamos sobre nós mesmos.

Se acredito que a verdade mais profunda sobre mim é a falta de valor, então por que você vai se surpreender quando eu agir

como se não tivesse valor? Pelo menos estou sendo franco, não é? Sim, se essa fosse a verdade sobre quem sou; mas não é.

Algo que não seja “bom” pode se originar de Deus?

Não!

Ainda somos portadores da imagem, feitos à imagem de Deus?

Sim, somos!

Deus, que é só bondade, cria apenas o bem! É por isso que Jesus perguntou ao jovem rico: “Por que você me pergunta sobre o que é bom? Há somente um que é bom” (Mateus 19:17). Que é Deus. Isso não é Jesus dizendo “Não há nada bom em mim”, mas perguntando: “Você vê Deus em mim, jovem irmão? É por isso que me chama de bom ou você ainda está falando da minha atuação?” Se você ler o resto da história, verá que ainda é sobre ações.

Deus, que é só bondade, cria apenas o bem.

O que você pensaria se visse um pai ou uma mãe ralhando com o filho nestes termos: “A verdade é que não existe nada de bom em você. Você é doente, malvado e completamente degenerado. Você nunca teve nem nunca terá valor. Que Deus tenha misericórdia da sua alma!” Infelizmente, há quem pense que o “evangelho” é assim – e pior, isso é pregado no púlpito por pessoas em posição de poder.

Sim, temos dificuldade de enxergar, mas não nos falta bondade. Somos verdadeiros e corretos, mas muitas vezes também somos ignorantes e estúpidos, cabeças-duras, ferindo-nos, machucando os outros e mesmo toda a criação. Cegos, não degenerados: essa é a nossa condição. Lembre-se: Deus não pode se tornar nada que seja maligno ou inerentemente ruim... e Deus se tornou humano.

Nossos filhos terão sempre uma identidade essencial ligada a nós, mães e pais. Eles têm o potencial de fazer escolhas desas-

trosas e até prejudicar a si mesmos e aos outros, mas sua natureza é uma expressão nossa. É o que eles são. Assim como nossa identidade não existe de forma independente, nossa bondade também não. Sou fundamentalmente bom porque sou criado “em Cristo” como expressão de Deus, um portador da imagem, *imago dei* (veja Efésios 2:10). Essa identidade e essa bondade são aspectos mais verdadeiros de nós mesmos do que todos os danos que foram infligidos a nós ou por nós.

Deus não tem uma visão vil da humanidade porque sabe a verdade sobre nós. Deus não é enganado por todas as mentiras que contamos a nós e aos outros. Jesus é a verdade de quem somos – totalmente humanos, totalmente vivos. Mais profunda do que toda a mágoa e todos os nossos cacos, há uma criação “muito boa” e somos criados à imagem e semelhança de Deus. Mas ficamos cegos nas trevas do engano em que acreditamos. Está na hora de pararmos de concordar com essas mentiras devastadoras e deixarmos de nos render a elas.

“Deus está no controle.”

Eu estava no saguão de um hotel de Orlando, na Flórida, Estados Unidos, conversando com minha amiga K. da Alemanha. Uma jovem amiga sua, atleta de nível mundial, recentemente ficara paralisada em consequência de uma façanha para as câmeras que deu muito errado. K estava agoniada. Ela enxugou os olhos e disse: “Eu me esforço para acreditar que tudo isso faz parte do plano maravilhoso de Deus.”

Eu também! Será que acreditamos mesmo que honramos Deus ao declará-lo o autor de toda essa bagunça em nome da Soberania e do Controle Onipotente? Alguns religiosos – e os cristãos costumam estar entre suas fileiras – acreditam num determinismo amargo que é um fatalismo com personalidade. O que tiver que ser será. Se isso aconteceu e Deus está no poder, tem de ser parte do plano dele.

Há um abismo intransponível (a não ser, talvez, em nossa imaginação obscurecida) entre um Deus que assume a propriedade da Criação juntamente com todo o caos que produzimos e um Deus que é autor do próprio mal. É possível aprender a confiar no primeiro Deus; quanto ao outro... no máximo podemos fazer uma babilização distorcida.

Nós, seres humanos, somos loucos por controle: queremos controlar tudo e todos à nossa volta para que o que tememos não

aconteça. No fundo, sabemos que o controle é um mito, que uma célula malcomportada ou as escolhas de outras pessoas podem mudar em um instante a direção da nossa vida. Mesmo assim ainda lutamos por ele e até o exigimos. Então, se não podemos ter o controle, queremos um Deus que tenha.

Com que frequência ouvimos as bem-intencionadas palavras “Isso faz parte do plano de Deus”? Será? Não há justificativa para muitas coisas que fizemos e que fizeram e nós. Certas coisas são simplesmente *erradas*.

Sim, Deus tem a audácia criativa de tirar algum propósito do mal gerado por nós, mas isso nunca justificará o que é errado. Nada, nem mesmo a salvação do cosmos, jamais justificaria um aparelho de tortura horrendo chamado “cruz”. O fato de Deus se submeter à nossa escuridão e transformar essa máquina sinistra num símbolo e monumento da graça diz muito sobre a natureza de Deus, mas não justifica o mal.

Será que Deus tem um plano maravilhoso para a nossa vida? Será que se senta e desenha um propósito perfeito para mim e para você em alguma prancheta cósmica, um plano perfeito que exige uma resposta perfeita? Deus então tem de reagir à nossa estupidez, surdez, cegueira ou incapacidade, enquanto violamos constantemente a perfeição com nossa própria presunção? E se estivermos falando de um Deus que tem mais respeito por você do que pelo “plano”? E se não houver “plano” para sua vida, mas sim um relacionamento em que Deus nos convida constantemente a criar junto com ele, submetendo-se com respeito às nossas escolhas? E se esse Deus, que é Amor, só se satisfizer quando apenas o que for da natureza do Amor permanecer em nós?

Certo dia eu estava trabalhando num projeto com meu neto G., de 4 anos. Se bem que *projeto* é um nome generoso demais. Estávamos tentando montar uma estante e decifrar as instruções, que pareciam ter sido escritas por alguém que não fala a nossa língua. G. e eu tínhamos montado quase metade do móvel quando des-

cobri que eu havia começado de trás para a frente. Agora teria de desmontar tudo e recomeçar. G. foi paciente e esteve envolvido com todo o processo, mas, quando viu a minha cara, soube que algo tinha acontecido.

*E se não houver “plano” para sua vida, mas
sim um relacionamento em que Deus nos
convida constantemente a criar junto com ele?*

– Ei, vô, você está bem? – perguntou.

– Estou, mas... – E expliquei por que estava desmontando nos-
sa obra de arte. – Estou me sentindo... – Parei por um momento,
tentando encontrar a palavra certa. – Estou me sentindo...

– Exasperado? – sugeriu ele, muito sério e compassivo.

Dei uma gargalhada.

– Obrigado, G. Essa é exatamente a palavra que eu procurava,
exasperado.

Como é que um menino de 4 anos conhece uma palavra como
essa e sabe usá-la corretamente?

De qualquer forma, se eu senti essas emoções diante de um
revés tão sem importância – um pequeno lembrete de que te-
nho pouco controle sobre o mundo –, parece que Deus deve viver
num estado de constante exasperação.

Meu amigo alemão Martin Schleske, um grande fabricante de
violinos, costuma dizer o seguinte: “As Escrituras me mostram
que Deus tem um coração de artista, não o de um terrível cons-
trutor. Se o mundo fosse obra de um engenheiro cósmico, Deus
estaria sempre num estado de descontentamento. Todos sofre-
ríamos com a importunação constante de um projetista teimoso
cujos planos simplesmente nunca se realizam como ele pretendia
ou esperava. A realidade nunca estaria à altura de seus planos

impecáveis. Mas o verdadeiro Criador sabe que, além de moldar, também tem de endossar e permitir. A sabedoria permite que as coisas cresçam e se desenvolvam.”

A soberania de Deus não tem a ver com controle determinista. Então, como Deus reina? Sendo quem Deus é: amor e relacionamento.

Kim e eu podemos ser soberanos em casa, mas, depois que nosso primeiro filho nasceu, todas as ideias de controle voaram pela janela. Se havia alguém no comando, era o novo bebê. Ele ditava tudo: quando dormíamos, quando acordávamos, nosso estado de espírito e com que frequência poderíamos encontrar os amigos. Três quilos de humanidade reduziram um homem adulto a um chorão sentimental, disposto a abrir mão dos prazeres mais comuns e pouco valorizados – como o sono – para servi-lo. Aquilo nos deixou malucos e às vezes foi muito difícil, mas adoramos tanto que repetimos a dose outras cinco vezes.

O amor e o relacionamento são superiores ao controle sempre. Amor forçado não é amor.

Não acredito que a palavra *controle*, no sentido de poder determinista, esteja no vocabulário de Deus. Inventamos essa ideia como parte da nossa necessidade de dominar e manter o mito da certeza. Não há noção de controle no relacionamento entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quando Deus escolheu criar os seres humanos – uma ordem mais elevada de seres que podiam dizer “não” –, ele o fez dentro do mesmo amor e relacionamento que sempre existiram. O controle não se origina em Deus, mas a submissão, sim. A dominação não encontra sua fonte em Deus, mas o amor altruísta, que se doa, sim. Assim como as escolhas de nossos filhos afetam nosso relacionamento com eles, nossas escolhas afetam nosso relacionamento com Deus. Deus se submete em vez de controlar e se reúne a nós na confusão resultante desse relacionamento. Ele fica ao nosso lado, participando da criação da nossa vida